

LANÇA-PERFUME DA FEB

Nos últimos tempos, a violência da polícia alckmista em manifestações políticas quase sempre termina com o uso de “lança-perfume” - jatos de spray de pimenta nos olhos dos manifestantes, quando não é o cassetete que come. Tenho lembrança bem melhor dos antigos carnavais na sede da AEC, com sua bela arquitetura infelizmente destruída pela ganância e obtusidade cultural da elite local. Lembro ainda do uso consentido do lança-perfume nos bailes, acho que os prediletos do pessoal eram argentinos.

Até 1961, o lança-perfume tinha sua comercialização permitida no Brasil. É uma droga produzida com solventes químicos à base de cloreto de etila. O lança-perfume acelera a frequência cardíaca, podendo chegar até 180 batimentos por minuto. Aparentemente inofensiva devido ao seu odor, esta droga destrói as células do cérebro e pode levar o usuário a ter desmaios ou vômitos. O lança-perfume apareceu no Carnaval em 1904, no Rio de Janeiro, sendo rapidamente incorporada aos festejos carnavalescos de todo o Brasil, principalmente nas batalhas de confete, corsos e, mais tarde, nos bailes. O produto tornou-se símbolo do Carnaval, até sua proibição.

Mas a história que quero contar é outra. Tive um tio-avô do lado italiano da família com três filhas do primeiro relacionamento que perdeu a esposa num parto complicado. Quando se casou novamente, as filhas do primeiro matrimônio ficaram na casa da minha bisavó (que morava ao lado, numa rua de terra do bairro do Cubatão), a “nonna” de quem lembro vagamente, sempre vestida de preto com um lenço na cabeça, como naqueles filmes italianos do realismo social de Vittorio de Sica.

Uma das meninas que ela criava começou a namorar um sujeito alto e bonitão, que havia conhecido no “footing” da praça da Matriz de Franca, onde as mulheres circulavam aos bandos em sentido horário e os homens faziam o mesmo no sentido contrário nas noites de domingo. Isso foi no começo dos anos 1940. Em 1942, logo após o afundamento de vários navios civis nas costas brasileiras, o Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Com isso, aconteceram hostilidades aos descendentes daqueles países, minha mãe sempre se ressentiu da discriminação sofrida naquela época. Mas o fato é que a prima de minha mãe e seu namorado eram descendentes de italianos, então era tranquila a relação.

Apesar da descendência, o sujeito alto e bonitão foi convocado para a Força Expedicionária Brasileira – FEB, que iria lutar contra os nazistas na Itália. Embarcou em 1944 e lutou na campanha brasileira no norte do país até o final da guerra em 1945 e voltou são e salvo. Houve um clima de alegria e festa quando de sua chegada. Diariamente, ia até a casa da “nonna” para presentear a namorada com perfumes e fragrâncias que tinha trazido da Europa. Até o dia em que resolveu surpreender a namorada com algo inusitado.

No início da noite, dirigiu-se até a casa da namorada no horário de sempre, ela já o esperava e sempre abria a porta para ele. Quando a porta se abriu, no lusco-fusco do início da bela noite francana de Lua cheia, lançou uma intensa borrifada de lança-perfume no rosto da amada. Só que não. Era a “nonna” que, por algum motivo tinha vindo abrir a porta. A velha senhora quase teve uma síncope, a gritaria e o susto foi uma bagunça só. Mas no final deu tudo certo, foi só um mal-entendido. Casaram-se e viveram felizes por muitos e muitos anos.

Mauro Ferreira é arquiteto